

BREVE PANORAMA DA FLAUTA DOCE NA CENA MUSICAL URUGUAIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX E NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XXI.

José Antonio Rodríguez Martínez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
ljoeroma@gmail.com

Resumo

Este trabalho faz parte da minha pesquisa para a dissertação de mestrado em Práticas Interpretativas - Flauta Doce do PPGMUS da UFRGS. Este documento apresenta uma síntese de como a flauta doce apareceu no meio musical uruguaio e tenta fazer uma breve comparação com a situação do instrumento na Argentina e no Brasil. Para elaborar este texto realizei entrevistas semi-estruturadas com flautistas uruguaio complementando as informações com minha própria experiência como flautista doce uruguaio. Na coleta de dados, entrei em contato com dez flautistas; sete permitiram ser entrevistados, e concordaram em publicar os dados obtidos. Os outros três não responderam ao contato à solicitação. O objetivo deste escrito é conhecer o contexto sócio-cultural em que a flauta é desenvolvida no Uruguai. Não se sabe como a flauta doce chegou e inseriu-se no meio musical uruguaio, mas foi rapidamente adotada pelo Estado para a iniciação musical das crianças e usada no ambiente doméstico no formato de quarteto de flautas doces.

Palavras chave: flauta doce, história da flauta doce, flauta doce uruguaia.

Os Pioneiros da flauta doce no Uruguai

Para reconstruir a história da flauta doce no Uruguai, por não ter pesquisas anteriores, tive que recorrer à memória daqueles que nos dedicamos ao instrumento. Nesse sentido, o uso de entrevistas como principal fonte é complementado por relatos e comentários, que aparecem em conversas coloquiais, para a construção da narrativa da história do instrumento.

Um dos nomes que aparece com muita recorrência na memória dos flautistas veteranos uruguaio é o do professor Raúl Botella Methol; ele foi um dos pioneiros que abriu as portas para a prática da música de câmara com flauta doce. O Uruguai, na segunda metade do século XX, testemunhou uma proliferação de grupos de flautas doces, integrados principalmente por amadores. O professor Botella introduziu na cena musical uruguaia as primeiras flautas de madeira compradas em lojas alemãs, suíças e inglesas e gerou uma intensa atividade de divulgação deste instrumento através de aulas particulares, destacando-se seu trabalho na

Escola de Música do Instituto Crandon¹, em Montevideu. Entretanto, sua formação era na área da flauta transversal, porque na época não havia professor especialista. Seu trabalho com a flauta doce focalizou-se no desenvolvimento da prática de música no âmbito doméstico, no estilo da tradição alemã de *Hausmusik*. Botella trabalhou basicamente com adultos, desenvolvendo quartetos de flautas doces.

Nos primórdios do século XXI, durante três anos, tive a oportunidade de trabalhar com Botella num formato que para mim foi uma novidade: ele tinha alunos privados e para dar aula contratava mais dois flautistas para dessa maneira criar um quarteto para tocar junto com seu aluno. A aula iniciava às nove horas da manhã e após uma hora de trabalho, se tomava o café da manhã e se continuava até o meio-dia. O repertório estudado era de música renascentista. O professor não permitia que seus estudantes realizassem apresentações em público, por achar que o público uruguaio não estava acostumado a este tipo de repertório e não entenderia esta música. Os alunos eram, majoritariamente, imigrantes alemães e judeus alemães com atividade na área da advocacia, medicina ou donos de grandes lojas. Uma vez por ano o professor viajava para Europa e trazia flautas e partituras encomendadas por seus alunos, com os custos da viagem cobertos por eles.

Outros músicos, como por exemplo, o pianista e compositor Ulises Ferreti (que trabalhou na cidade de Florida) e o clarinetista Santiago Bosco Junior (que trabalhou nas cidades de Colonia e La Paz) desenvolveram atividade docente concomitantemente ao professor Botella, levando a flauta doce para o interior do país, formando grupos de música de câmara com adultos. Portanto, todos eles tinham o mesmo denominador comum: não tinham professor especialista para estudar, e eram integrantes da OSSODRE². Possuíam estudos em clarinete, flauta transversal ou oboé, adaptaram a técnica dos seus instrumentos para a flauta doce e geraram uma grande difusão do instrumento.

Os grupos de câmara acima mencionados passaram a existir nos anos 1970 com atividade até meados dos anos 1990 e caracterizavam-se por utilizar um instrumental capaz de interpretar peças da Renascença e do Barroco. Estes músicos amadores utilizaram, por três décadas, réplicas de instrumentos de seus homônimos históricos como *Crumhorn*³, flautas doces renascentistas e barrocas, alaúdes, espinetas, percussão, *Kortholt*⁴, entre outros.

¹ Escola de ensino fundamental e médio que forma parte da comunidade da Igreja Metodista do Uruguai.

² Orquestra Sinfônica do Serviço Oficial de Difusão, Representações e Eventos. É um Instituto do Ministério da Educação e Cultura do Uruguai, dedicado à realização e divulgação de espetáculos artísticos, além de treinamento em suas escolas.

³ É um instrumento de sopro de palheta dupla encapsulada com uma forma de bengala invertida.

⁴ É um instrumento de sopro de palheta dupla encapsulada.

Graças a estas atividades de divulgação do instrumento, alguns flautistas como Gustavo Garcia Lutz, Alicia Sena e Aníbal Gil alcançam um nível técnico médio, conseguindo dar continuidade no Uruguai ao trabalho iniciado por seus professores. Outros logram estudar fora do Uruguai (Estados Unidos, Suíça e recentemente Brasil), desenvolvendo intensa atividade artística e docente no exterior, mas infelizmente não voltaram ao país, como por exemplo o flautista Marcos Volonterio, que estudou com o professor Raúl Botella e seguiu seus estudos na Suíça. Atualmente é professor no *Conservatoire Populaire* de Genebra.

A flauta doce nos espaços institucionalizados de ensino no Uruguai

O Uruguai desenvolveu há 77 anos um sistema de 21 escolas de música dentro do ensino fundamental com aulas no contraturno. Por muitos anos, nestas escolas, foi utilizado o *Swanson tonette*⁵ e, nos anos 1970 começou-se a utilizar a flauta doce. Os estudantes podem escolher estudar piano, violão, trompete ou flauta doce, além de ter outras disciplinas obrigatórias: percepção, história da música, danças tradicionais uruguaias, expressão corporal e canto coral. No ano de 2015 estas escolas transformaram-se em Escolas de Artes e foram incorporadas na súmula aulas de teatro, desenho e literatura, sendo retiradas as disciplinas de história da música e percepção. As crianças iniciam os estudos com nove anos de idade e estudam por até quatro anos.

Neste contexto podemos nomear ao menos duas grandes problemáticas: 1) os professores de flauta doce nestas escolas não são especialistas e 2) os alunos ao finalizar seus estudos não têm nenhuma instituição de ensino superior onde continuar estudando. Alguns alunos prosseguem seus estudos em conservatórios municipais, tocando fagote, clarinete ou flauta transversal, e outros desistem dos estudos musicais por não se verem tocando outros instrumentos diferentes da flauta doce.

Em entrevista que realizei com a professora Beatriz Zoppolo, em novembro de 2015, flautista da OSSODRE e amadora da flauta doce, ela fala que:

[...] O nível alcançado [pelos flautistas] é baixo, pois não há como desenvolver uma atividade que permita ao artista dedicar-se à flauta doce como um modo de vida. Isso leva a nunca atingir um nível profissional, simplesmente porque não há dedicação total. Outro fator básico é o fato de que não há espaços de trabalho para ser um profissional da flauta [doce]. E hoje o apoio político ao desenvolvimento profissional

⁵ O *Swanson Tonette* é uma pequena flauta de plástico, que já foi popular na educação musical americana, possui sistema de bisel e seis orifícios.

não se concentra nesse tipo de instrumento, não há espaços de treinamento em que seja dada a importância estilística da idade de ouro da flauta doce. Sendo um instrumento barato, de emissão fácil e rápida, o treinamento do artista é negligenciado e é considerado um instrumento fácil para as crianças brincarem, levando ao conceito errado de que é um instrumento de “introdução” aos outros instrumentos (ZOPPOLO, 2015).

Zoppolo expôs uma problemática comum a todos os flautistas doces: o emprego como músico profissional. Eu penso que esta situação é própria do instrumento em termos gerais, são muito poucas as instituições que possuem grupos estáveis de câmara com vagas para empregar flautistas. Outro aspecto que é bastante comum, e que aparece na entrevista, é o fato de se considerar a flauta doce como um instrumento de introdução a outros instrumentos, a professora Zoppolo pensa que é uma concepção errada. Um elemento importante que diferencia a inserção da flauta doce no ambiente acadêmico uruguaio (Universidade e conservatórios estaduais) é a falta de interesse político para gerar espaços onde fomentar o estudo profissional de instrumentos de música antiga.

A flauta doce na Argentina e no Brasil

Comparando a atividade da flauta doce no Brasil e na Argentina, o Uruguai teve um desenvolvimento paralelo e praticamente com os mesmos determinantes, porém pequenas mas grandes diferenças, levaram a posicionar a flauta doce nesses países vizinhos de maneira profissional. Na Argentina, a professora Susana Graetzer, esposa do professor Guillermo Graetzer⁶, fundador do *Collegium Musicum*, estudou flauta doce na Europa com uma das filhas da família Trapp e após retornar à Argentina introduziu o ensino de flauta doce no *Collegium Musicum* no ano 1948.

Ariel Juan menciona que Filóstetes Martorella era originalmente professor de clarinete no Conservatório Nacional. “Ele foi autodidata, porque onde iria encontrar um professor de flauta [doce]? Naquela época, foi um dos primeiros professores do instrumento” (JUAN, 1998, p. 11).

Graças a Martorella, a flauta doce foi introduzida nos cursos de iniciação no *Conservatorio Nacional* no início da década de 1970. Foi a primeira vez que este instrumento entrou no âmbito acadêmico. Perto de 1977 foi introduzido como disciplina no Conservatório Municipal primeiro e depois no Nacional, mas a formação na sua totalidade (com 10 anos de estudo) não foi implementada até perto dos anos 1990 (JUAN, 1998, p. 11).

⁶ Viena, 5 de setembro de 1914, Buenos Aires 22 de janeiro de 1993.

Na citação é possível observar que na Argentina a flauta doce foi rapidamente introduzida no âmbito acadêmico, ocupando o lugar de instrumento musical e não de instrumento para amadores. Da mesma maneira que no Uruguai, os primeiros professores foram autodidatas.

Mario Videla⁷ é considerado o grande pioneiro na história da flauta doce argentina. Suas pesquisas sobre repertório antigo em bibliotecas europeias, transcrevendo de fac-símile para notação moderna, geraram grande impacto na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Videla conseguiu posicionar o estudo da flauta doce de tal forma que as escolas primárias estaduais argentinas incorporaram o ensino do instrumento ao currículo. Ele fundou e dirigiu grupos de música antiga, gerando a necessidade em seus intérpretes de obter um nível técnico mais elevado. Assim, atualmente a Argentina possui o ensino da flauta doce e outros instrumentos antigos em instituições de alto nível como o *Conservatorio Manuel de Falla*, contando com professores argentinos, que estudaram no exterior.

Segundo a pesquisa feita por Patrícia Michellini Aguilar, professora de flauta doce da UFRJ, a flauta doce esteve presente no Brasil pelo menos desde 1551. Na sua tese de doutorado menciona que “A flauta foi usada sistematicamente como instrumento de iniciação musical dos meninos índios durante toda a segunda metade do século XVI” (AGUILAR, 2017, p.182). No decorrer do século XVII, as flautas foram usadas por índios adultos e incorporadas ao culto religioso, mas no século XVIII as menções à flauta desaparecem. “Fora dos ambientes jesuítas, não encontramos documentos que registram a presença de flauta doce no Brasil durante o período colonial, o que não significa, obviamente, que ela não tenha sido utilizada” (AGUILAR, 2017, p. 183). No século XX segundo a pesquisa da professora Aguilar

Os primeiros flautistas e professores de flauta doce que atuaram no Brasil no século XX, sua maioria, imigrantes alemães que haviam estudado flauta doce na escola quando crianças [...] Muitos outros foram autodidatas. De todas as informações recolhidas, verificamos que apenas Isolde Frank tinha formação em flauta transversal e flauta doce pelo *Musikhochschule* de Stuttgart antes de vir para o Brasil (AGUILAR, 2017, p.185).

De acordo com o que surge da investigação da professora Aguilar, a flauta doce esteve presente no ambiente cultural do Brasil desde a chegada dos jesuítas. Ao longo do tempo, a flauta doce foi utilizada como instrumento de iniciação musical e, a partir dos anos 1970,

⁷ Nascido em Salta, Argentina 17 de março de 1939.

rapidamente introduzida em cursos universitários de licenciatura e bacharelado, mas também presente em conservatórios públicos e privados. Mais recentemente, em 2018, foi criado o primeiro e até agora único mestrado em flauta doce do Brasil, na UFRGS. Muitos flautistas brasileiros estudaram na Europa e em seu retorno ingressaram como professores em conservatórios e universidades públicas e privadas. Desta forma, o nível alcançado pelos flautistas no Brasil é consideravelmente elevado. Penso que este conjunto de ações e possibilidades de formação é fundamental para o futuro desenvolvimento profissional de seus intérpretes.

A flauta doce uruguaia no palco

Por outro lado, no Uruguai, o instrumento permaneceu fortemente vinculado ao ambiente doméstico, da prática amadora, e à diferença da Argentina e do Brasil, ainda não consegue ter estudos de nível universitário. A principal diferença que é possível observar é que no Uruguai a flauta doce sempre esteve na esfera doméstica, tendo adultos como estudantes, mas não crianças, com exceção das já mencionadas escolas de música. Esse fato levou o instrumento a permanecer sempre dentro da prática amadora no ambiente da *Hausmusik*.

No âmbito da música antiga, a organista Cristina García Banegas, criou o *De Profundis*, conjunto vocal e instrumental dedicado ao repertório barroco latino-americano. Neste grupo participou a flautista Lucía Beltrán formada em Química e que estudou flauta doce com a oboísta da OSSODRE Mariana Berta. Em entrevista, que realizei com a professora Beltrán, em setembro de 2015, sobre seus estudos em flauta doce Lucía fala:

Na época em que estudava na Faculdade de Química, estudava com um amigo cujo irmão havia começado a estudar flauta e o ouvi estudar e tocar acompanhado de um violonista. Naquele momento da minha formação, prestes a terminar [a faculdade], eu estava ansiosa para começar uma atividade completamente diferente da científica e achei que era um instrumento de execução fácil para começar nos meus 24 anos (BELTRÁN, 2015).

A escolha pela flauta doce parece responder à ideia de ser um instrumento simples, mas depois de anos tocando, Lucía pensava que:

Continua sendo um instrumento associado a iniciantes ou amadores, mas acho que nos últimos anos vem ganhando um pouco mais de prestígio. Também se deve ao fato de que nosso nível como intérpretes de flauta não está acima do nível

profissional de outros instrumentistas ou outros flautistas do exterior. Ainda estamos no meio do caminho (BELTRÁN, 2015).

Na citação, Lucía reflete sobre o nível dos flautistas doces uruguaios e o compara com o nível de expertise que possuem os profissionais de outros instrumentos, também uruguaios. Pensa que não se consegue desenvolver um maior grau de proficiência por ser considerado ainda um instrumento para iniciantes ou amadores.

A flauta doce e a *Universidad de la República*

No século XXI, pelo menos dois fatores permitiram desenvolver um interesse crescente nos compositores para escrever obras para diferentes combinações instrumentais com flauta doce. Um deles foi a criação do grupo Interpresen na primeira década do século, no âmbito da *Universidad de la República*. Idealizado por compositores, professores e ex-professores da universidade, o grupo pretendia manter uma tradição enraizada no ambiente universitário uruaio: a do Grupo de Estudos. Esta figura educacional consiste em reunir uma turma de estudantes, professores e profissionais em torno do estudo de um tópico específico, sem ter um professor ou orientador e sem formar parte de uma disciplina. Todos os membros do grupo contribuem com sua experiência no mesmo nível de igualdade para construir conhecimento entre todos.

Neste caso, Interpresen reuniu-se com o objetivo de estudar, interpretar e divulgar a música contemporânea latino-americana. Uma característica do grupo era a heterogeneidade dos instrumentos que os participantes tocavam: contrabaixo, flauta doce, flauta transversal, piano, saxofone, trombone, violino, violão e violoncelo. Portanto, surgiu a necessidade de criar peças para este grupo. Inicialmente foram feitas transcrições de obras de Leo Brower, mas os compositores que formaram parte do grupo rapidamente começaram a escrever suas próprias obras para a instrumentação disponível no grupo.

Outro dos fatores que contribuíram para a composição de obras para flauta doce foi a Bienal de Música Contemporânea do Uruguai (2007-2009). Compositores uruguaios como Ulises Ferretti e Felipe Silveira, argentinos como Marcelo Villena e brasileiros como Antônio Cunha, entre outros, escreveram peças que foram estreadas nestas bienais com uma instrumentação onde a flauta doce tinha importante participação.

É muito interessante perceber o percurso da flauta doce na Argentina, no Brasil e no Uruguai. No século XX é utilizada pelos imigrantes como um instrumento de iniciação musical,

mas, exceto no Uruguai, o instrumento é incorporado ao ensino superior, permitindo assim um maior aperfeiçoamento na formação dos flautistas.

Conclusão

Através das entrevistas consegui encontrar dados que permitiram expor a presença da flauta doce no ambiente musical do Uruguai na década de 1970. Tem sido amplamente utilizada como instrumento para amantes e para a iniciação musical; neste último contexto, é tida como instrumento de passagem para o estudo profissional de outro instrumento considerado de maior prestígio. Esse fator, somado à não profissionalização e à falta de formação técnica elementar dos professores de flauta doce, gerou uma sub-valorização do instrumento tanto no ambiente acadêmico quanto no pensamento do público que frequenta espaços de música antiga.

Ainda não é possível determinar as causas que levaram os poucos flautistas que se profissionalizaram no exterior, a falhar nas suas iniciativas de gerar apoio político dentro da Escola de Música da Universidade para criar a graduação em flauta doce e, eventualmente, em instrumentos antigos. Entretanto, a despeito da impossibilidade de formação superior em flauta doce e quando parece que tudo está perdido, empreendimentos específicos reaparecem tentando valorizar a flauta doce no Uruguai. Podemos mencionar o grupo de flautas doces da Igreja Alemã de Montevidéu, o grupo da Associação de Flautas do Uruguai (AFLADU), o grupo Flautas Doces do Uruguai e o Encontro Internacional de Grupos de Flautas Doces-Uruguai. Mesmo assim, não foi possível ainda penetrar nas fronteiras da Universidade da República, o que, sem dúvida, traria um grande impulso à formação de flautistas e professores de flauta doce no Uruguai.

Referências

AGUILAR, Patrícia Michelini. *A flauta doce no Brasil: da chegada dos jesuítas à década de 1970*. 258p. Tese (Doutorado em Música) – Departamento de Música, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BELTRÁN, Lucía. [Entrevista concedida a] José Rodríguez, Montevidéu, 23 de setembro de 2015.

JUAN, Ariel. La flauta Dulce en Argentina. *Revista de flauta de pico*, Sevilla, V 11, p. 11 – 14, maio 1998.

Disponível em:

<https://www.dropbox.com/sh/akmjf61ube7zonc/AAB1_QZy13EUGT1BUEJFVDyTa?dl=0&preview=REVISTA_de_FLAUTA_de_PICO_n11.pdf>.

Acesso em: 12 de setembro de 2019.

ZOPPOLO, Beatriz. [Entrevista concedida a] José Rodríguez, Montevideu, 24 de novembro de 2015.